

Lutemos pela mobilização de todas as forças para a fundação do Partido!



## PEDIR À BURGUESIA O FIM DA GUERRA OU FAZER GUERRA DO POVO À GUERRA COLONIAL?

"O centro de gravidade da educação internacionalista dos operários dos países opressores, tem de estar, necessariamente, na propaganda e defesa da liberdade de expressão em favor dos países oprimidos. Temos o direito e o dever de desprezar e qualificar de imperialistas e canalhas os socialistas das nações opressoras que não desenvolvam propaganda desta natureza". (Lenine)

Assimilando o princípio universal de que o poder está na ponta da espingarda, os Povos da Angola, Guiné e Cabo-Verde e Moçambique pegaram em armas para expulsar da sua terra o colonialismo opressor e sobre as ruínas desse mundo de exploração, miséria e fome construir um mundo novo, livre e fraterno, edificar Estados independentes e soberanos.

Para a pequena e média burguesia estratos dominantes no tradicional movimento anti-fascista português, o problema colonial estava dependente e subordinado ao derrubamento da ditadura salazarista. Os Povos das colónias não deviam lutar já pela sua independência mas unir-se aos anti-fascistas portugueses submeter-se à sua direcção e esperar a queda do regime. O direito dos Povos das colónias à separação e completa independência política, económica e cultural não figurava no código da "unidade de todos os portugueses honrados". Em "Le Portugal Bailloné", Mário Soares historia a atitude da oposição "democrática" em relação aos Povos das colónias, afirmando claramente que ela estava em contradição com a posição defendida pelos Movimentos de Libertação. Não obstante, continuava a defender a posição tradicional, pois para ele a libertação dos Povos das colónias é uma questão nacional e não uma questão de aplicação dos princípios do internacionalismo proletário.

Sem uma verdadeira educação internacionalista no espírito do Marxismo-Leninismo, o Povo português, traído pelo revisionismo, encontrava-se temporariamente impedido de defender intransigentemente o direito dos Povos das colónias a existirem como Estados independentes e evitar a transformação dos seus filhos em assassinos dos patriotas africanos. Os primeiros esboços de resistência à guerra colonial são traídos pelos revisionistas. Em 1961 o P"CP assina um comunicado publicado no "Terra Livre" condenando "o terrorismo das organizações africanas"; em Maio do mesmo ano publica um manifesto onde vem expressa esta tese ultra reaccionária: "trabalhadores: mostremos aos nossos patrões que só a independência de Angola serve os seus interesses" e que "uma vez independente (Angola) se tornará num mercado para os nossos artigos".

Dominando a cena política, o revisionismo consegue até 1970 abafar os sentimentos internacionalista do Povo português. Em 1969 a C"DB propõe um debate nacional sobre a questão colonial. Defendendo deste modo o direito do Povo português decidir sobre os destinos de outros Povos, sociais democratas, liberais e revisionistas esperavam ter uma oportunidade para provar à burguesia que defendiam os seus interesses coloniais melhor que o próprio fascismo, incapaz de se aperceber da impossibilidade de derrotar um Povo em armas.

Unidos em torno das suas vanguardas revolucionárias, MPLA, PAIGC e FRELIMO, os Povos das colónias colecionam vitórias sobre vitórias, caminham a passos de gigante para a destruição completa e definitiva da exploração e opressão estrangeiras. Com a cunha na garganta, desmascarado o seu chauvinismo e patrioteirismo pela consequente propaganda do Movimento Popular Anti-Colonial, a burguesia teve de mudar de posição, de rever a tática. Em 1973 a C"D" grita aflita pelo fim da guerra colonial, hoje a burguesia social-democrata, liberal e revisionista grita em coro pelo fim da guerra, pois "a situação degrada-se rapidamente em África sem proveito para ninguém" ("Avante" de 17 de Maio de 74) e todos dão os braços dançando felizes por terem finalmente encontrado a fórmula mágica: "a solução das guerras no ultramar é essencialmente política e não militar". Esquecem-se porém que "a guerra é a continuação da política por outros meios".

"Onde há repressão há resistência". A resistência dos Povos irmãos de Angola, Guiné e Cabo-Verde e Moçambique destroçou, quebrou e venceu a repressão da burguesia fascista e colonialista. Lançando-se nos braços do Imperialismo, o regime agora deposto transformou Portugal numa neo-colónia, onde a crise geral do sistema capitalista se precipitou com intensidade desconhecida nas outras partes do mundo, provocando a imediata e enérgica reacção das massas trabalhadoras que guiadas pelas palavras de ordem do nosso Movimento, o MRPP, se levantaram por todo o País EM LUTA PELO PTO.

A união crescente entre a luta do Povo português e a luta de libertação nacional dos Povos irmãos das colónias abriu brechas profundas no aparelho repressivo fascista, agudizou as contradições entre as diversas facções da burguesia e deu origem ao golpe militar de 25 de Abril. O comando da exploração do Povo português e dos Povos das colónias está entregue ao governo provisório, coligação contra-revolucionária de socialistas democratas, liberais e revisionistas, que defende "a manutenção das operações defensivas no Ultramar destinadas a salvaguardar a vida e os haveres dos residentes de qualquer cor ou credo, enquanto se mostrar necessário" (Programa do Governo Provisório).

Para se defenderem e reconquistar os direitos que lhes tinham sido violentamente espoliados, para encontrar a sua dignidade nacional, os Povos das colónias criaram e desenvolveram o seu exército popular, empreenderam a luta armada contra o opressor estrangeiro, tendo o Povo da Guiné-Bissau atingido já a sua independência, hoje reconhecida por 82 Estados.

Os Povos das colónias têm o seu exército. O exército colonialista não tem por missão defender os interesses dos Povos coloniais, coisa inédita e inconcebível, mas apenas salvaguardar os interesses dos colonialistas portugueses e do imperialismo estrangeiro. A presença dos soldados portugueses em África é uma agressão ao direito dos Povos a existirem como Estados independentes e destina-se a dar à burguesia portuguesa, lacaios fiéis do imperialismo, o tempo que os colonialistas precisam para se armarem e prosseguirem os seus vis designios de exploradores e opressores.

"Um Povo que oprime outro Povo jamais poderá ser livre". A posição do Povo português, todos os verdadeiros revolucionários só pode ser uma: incentivar no nosso país a luta contra a guerra, educando, mobilizando e organizando as amplas massas para a transformação da guerra colonial imperialista numa guerra civil revolucionária, desmascarando e lutando contra todas as tentativas de perpetuar a exploração dos Povos das colónias através de soluções neo-colonialistas, exigindo o imediato regresso dos soldados e marinheiros e não permitindo nem mais um embarque!

NEM UM SOLDADO NEM UM TOSTÃO! GUERRA DO POVO À GUERRA COLONIAL-IMPERIALISTA!  
A SEPARAÇÃO E COMPLETA INDEPENDÊNCIA PARA OS POVOS DAS COLÓNIAS É O ÚNICO CAMINHO PARA CONQUISTAR A PAZ!

VIVA A REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR! PELO PTO, PAZ, TERRA, LIBERDADE, DEMOCRACIA, INDEPENDÊNCIA NACIONAL!

Coimbra, 23 de Maio de 1974.

.....  
:A organização da Federação dos Estudantes  
:Marxistas-Leninistas em Coimbra.  
:bra.  
:.....